Discursos – O Fantasma

# 1 - O Fantasma

# 2 – A Oliveira

Rodeado em ventania e uma leve fresca brisa

Sendo um tamanho centenário e enorme d’ouro,

rico idoso, privilegiado no tesouro:

Prazer com o nada, há nada que lhe visa?

Se o espesso e sufocante não vem à consciência,

Filtro total: do som, saber, luz, d’ideia e toque.

Há quem inveje e outros vêem-se em choque.

Liberto, sonho no nada, essa carência.

E se nada fizer, ninguém o mal me quer;

Tudo bem, nem a chama bem sacio sequer.

Sem ser capaz ou querer saber de quem faz.

No fim, quando o suco da vida for escassa;

Tudo bem, que o destino me torne carcaça!

Pois é dormente dor, presenteado com paz.

# 3 – Azar

Mãe, sensação d’horror, quero ir leve pra casa.

É que estou tão farto desta insolente farsa

Que (o) me incomoda, longe do benzido lar.

Lugar este, o que anula o meu bem-estar.

No eterno mar em choro eu encho afogado a boiar.

Resulta-me tudo em mergulho desse em sal.

Corre-me tudo zarpad’á vela pro mal

embora procuro e a peço a minimizar.

Azar

Ai que raio, no que julgava possuir talento;

meu longo inédito gosto e incrédulo amor

é pobre facto esterco, embora rigor

aplique. Vejo-me a pique, seco ao relento.

Não há data ou hora que documente a altura de criação.

Transcrito a digital às 17:20 em 22/03/2025 (por volta de uma semana depois da criação)

# 4 – O Grupo

Vá, mantém-me até à morte de cinto preso,

boiando ileso e d’olhos diretos para o palco.

Sejam a minha novela que eu sem desprezo

vejo o mundo em movimento, indiferente

já que sou testemunha pregado, e vivo

na tirania dum, sendo olhos e rei parente.

E aplica-se, na pesca, à carne o costume.

Sobre o cardume: A rede (e dela) o controle.

Mas eu aceito-o, noto-o e avanço ao final: que eu rume!

Vejo enquanto, no cinema, perplexo ao ecrã

as diárias novidades vossas; faróis, deixem-me,

pra em paz manter a minha mente, salva, sã.

(Transcrito e terminado 28/03/2025 11:38)

# 5 – O Preciso, a Força e Lotaria.

Mato em prado, esfomeado. Preencher é preciso.

Eu tenho em mal desprezo a ausência, a falta

que me agrava a alma. O (o) sadista, no riso.

Privei-me do fruto, mas sou ainda pr’eles: A malta.

Persisto, por meu e vosso querido convite.

Só não creio ter o apetite e o abundante cru,

embora nada mal, fraco, nada me emite

em sede, agonia, enjaulado em velcro.

E o órgão de Bach, carta do senhor, pra nós toca

contínuo! O agora diz-se eterno ao punível.

Insensível, santo acima do nosso nível,

som d’alto poder que em hegemónica ira moca!

É robô mui técnico que odeia o criado Homem,

o simples. Castigando-o, leva-lhe a aguentar

até jamais, até que os fazeres todos se somem!

Quem o canto ousa escutar, choro milenar?

Suporta o que tens e aceita o resto afim.

Engole e simpatiza em crença da paciência.

Decência, nem cá, na espera pregas assim.

A indecência em nome da ordenada eloquência.

Ó Diabo! Nem há de se estar sem saber que

mas embora desejais e sonhais muito mais

tal possível, tereis vós ele ou à sorte ou, se

não, em calos, miséria, por deuses chamais!

E nós, neste imperativo mundo presente

somos. Ainda temos o inconveniente azar,

privados do prazer, vicio amor pertencente

e com objetivos fúteis por arrasar!

Terminado às 19:28 horas em 15/03/2025;

Transcrito a digital às 21:31 horas do mesmo dia.